

O BONDE

ÓRGÃO ORIENTADO E DIRIGIDO PELOS ALUNOS DA ESA.

DIRETOR: Aluizio Valerio — REDATOR Benjamim Duarte — GERENTE: Joaquim J. do Valle — SECRETÁRIO: José Guido Gomes

Ano XVI ————— Viçosa, 1 de setembro de 1960 ————— Número 224

Quinze Setembros: Jornadas Memoráveis

SALVE «O BONDE»!

Os primeiros anos de vida são os mais perigosos para qualquer sêr. A taxa de mortalidade nêsse período sobe em arrancada vertical.

Se acontece assim entre os vivos, mais grave se mostra o problema na imprensa e, especialmente, na imprensa universitária. Os jornais de estudantes trazem a marca celular da efemeridade. Nascem numerosos, anualmente. Cada ano, morrem outros tantos, quase. O índice de sobrevivência ronda a vizinhança do zero.

“O Bonde” conseguiu, entretanto, romper a primeira e a segunda infância, galhardamente. Passa, vitoriosamente, pela puberdade e ensaia os passos na mocidade de seus quinze anos bem vividos e lutados. “O que não me mata me fortalece”. Se constitui verdade essa afirmativa, devemos concluir que o vigor

“de O Bonde” vem dos recontros, de suas lutas, às vêzes, árduas.

Os órgãos de imprensa não podem, com efeito, viver do comodismo esterilizante dos elogios fáceis, do silêncio acumpliciado com grupos fechados; não podem também deixar-se escravizar da estreiteza de idéias, da mesquinhez dos ódios pessoais, dos interesses em choque com a verdade.

Veículo de pensamento, sua direção representa séria responsabilidade pelo fato de nêle se espelharem as preocupações de tôda uma classe universitária. Queiramos ou não, nosso espírito, nossas tendências, nosso gôsto, estarão aqui e ali, em suas páginas, nas linhas e entrelinhas, nas afirmações e até nas omissões, para a mente arguta do leitor exigente.

Jornalismo: arte difícil! Poucos conseguem praticá-la com aquela superioridade dos autênticos artistas. Aliás, que arte será fácil? O periodismo, entretantô, se reveste de exigências bastante sérias pela multiplicidade de dotes que exige dos que o praticam.

Comemorando hoje os quinze setembros de “O Bonde”, não poderíamos deixar de dar um urra vibrante ao rapazinho, imberbe ainda, mas tão cheio de vida e de fôrça, pronto para o futuro, armado para a luta, chamado para a vitória, que êsse é o destino da mocidade.

Três lustros completos: muitas jornadas memoráveis. Muito louro recolhido. Mas, acima de tudo, vinculando o presente e o passado, a promessa radiante do futuro.

Salve “O Bonde”!

USINA PILOTO: MAQUINÁRIO CHEGOU

Melhor material à disposição do Departamento de Tecnologia

Teremos logo que as condições o permitam, a instalação de uma moderna linha de industrialização de P. O. V. (principalmente) e P. O. A. Esta pequena usina, doação da Rockefeller Fundation, vem de encontro a uma das acalentadas aspirações do Prof. José Marcondes Borges, as quais sejam: dotar seu Departamento de material moderno de mo-

do a atender a responsabilidade e importância de sua cadeia. Segundo nos parece, seu funcionamento estará condicionado, à construção do prédio, que tenta a concepção moderna de industrialização, mesmo para efeito de pequena produção e orientação do curso. É de nosso conhecimento, a existência de planos que obje-

Pág. 4

VII C. B. E. A. SEREMOS REPRESENTADOS

Com destino a Recife seguiram os colegas Múcio e Evandro, representantes de Viçosa ao VII C. B. E. A.. Os trabalhos a serem apresentados, de ótimo nível, justificarão o conceito elevado de que gozam, além das fronteiras do Estado, os estudantes de Agronomia de

Pág. 3

XIX Congresso Estadual de Estudantes Viçosa 24 à 30 de setembro próximo

VENENOS

Domingo à tarde estamos realmente por fora. A história começou com aquela canja de galinha, por sinal boa, acompanhada de leite, doce, pão e manteiga. O leite, mais tarde, deu lugar ao refresco, este ao mate, e o distinto, para não alterar o costume, cedeu gentilmente à água, o seu lugar. A canja saiu para outra, dando lugar ao arroz, com vestígios macroscópicos de frango. Posteriormente, tais vestígios passaram à microscópicos (segundo nos parece), exemplo, seguido à risca, pela manteiga. O presente se caracteriza anutrído e temos; arroz sêco, doce, água e pão. Comparados com regime de solitária, ainda estamos por dentro. Estou preocupado com esta sequência, pois se a coisa progride (à base de carangueijo), desta forma, nossa situação ficará mais feia que a bicicleta do Matozinho.

Dizem, não sei se é fato, que o Shangay sai sorrateiramente do apartamento, para tirar umas pontas no teatro (?) do Parque ora em Viçosa, onde faz o papel de cômico cognominado, e tremendamente gozado (pelos outros) «Meio quilo». Segundo informam, no palco, «Meio Quilo» é tão sem graça como o gajo da vida real.

Afirmam que, o Zito do Bar Alasca, encontrou na pessoa do Tatá um páreo duro em matéria de bater língua. O rapaz, quando lhe dão corda, fica mais vermelho que peru viajado, e abre a garganta de uma maneira tal, que nos sugere moto-contínuo.

Segundo observação do primo Te-Manca, eis abaixo a relação dos que podem ser considerados os 8 mais mal-encarados, ora vegetando entre nós:

AGRO:

1.º ano: Zé Ilidio — 2.º ano: Jeovah — 3.º ano: Tuller

FLORESTA: Bartolomeu

Observação: não fazemos restrições ao fenótipo dos distintos. Até admirável plástica e têm muito de bonitos.

AGRONOMIA:

1.º Ano: Evâneo — 2.º Ano: Vagão — 3.º Ano: Cezar

4.º Ano: Zé Flávio

A ESCOLA NACIONAL DE FLORESTAS

por: Renato M. Brandi

Iniciativa louvável foi a do Senhor Presidente da República criando a Escola Nacional de Florestas e anexando-a à Universidade Rural do Estado de Minas Gerais. Escrever sobre a vida e a obra desta insigne instituição é tarefa de véras difícil, pois, ainda não temos em vista assuntos e opiniões já esboçados por professores de nomeada em nosso mundo florestal. Uma luz intensa de saber deslumbra a vista de quem escreve o presente artigo, sem primeiramente pesquisar a objetividade e a parte científica da novel Escola. Não tenho elementos que venham substanciar o meu modesto artigo, todavia, o esforço de produzir algo e enaltecer os ensinamentos nela ministrados merece ser divulgada a Escola Nacional de Florestas que daqui um quinquênio terá de produzir frutos que marcarão fundo o nosso Ensino Superior.

Somos, sem dúvida alguma, sangue novo da novel Escola, cheios das boas intenções, sangue sadio na luta pela ciência Florestal. Somos ainda na expressão vulgar os «pica-paus» do novo curso de Florestas. Pica-paus ao iniciarmos o ABC do curso de engenheiros na construção do Brasil Florestal.

A Escola Nacional de Flo-

restas é incontestavelmente, nos tempos em que vivemos, uma organização de ensino poderosíssima; é a ciência que prevalece soberba, criando novos técnicos no campo imenso da engenharia florestal.

Grande é, portanto, a responsabilidade que recai sobre os alunos e professores deste nosso curso superior que ora se inicia nesta tradicional Universidade Rural do Estado de Minas Gerais, centro de pesquisas e estudos agrícolas. Sob a orientação didática de eminentes professores que militam no curso superior de agronomia, nascem os primeiros ensinamentos que vão evoluindo, até chegarmos ao terceiro ano, deste curso em diante teremos, evidentemente, matérias técnicas amoldáveis aos conhecimentos práticos, objetivos e científicos do curso em aprêço. Veremos a ciência e a técnica evoluídas como jamais no correr de toda a história da Silvicultura. Veremos a natureza, como em nenhuma outra época, cheia de árvores utilizáveis; a agricultura com recursos como nunca dispôs; enfim um verdadeiro esplendor de possibilidades para a vida humana!

Ao ingressarmos na Escola Nacional de Florestas, depois de uma árdua tarefa de vesti-

bular, vemos no primeiro degrau do panorama do Brasil a sua vastidão territorial com as suas derrubadas de florestas, deste modo, a nossa vida universitária terá de ser tanto uma vida de estudos como de campanhas. Campanhas em defesa dos interesses dos estudantes, do ensino, da nossa Escola; campanhas em defesa da união e da organização do estudantado brasileiro, como aspectos destas lutas em geral em defesa da cultura da árvore!

A Ciência florestal é e será sempre a nossa arma.

Apraz-me o contato com a turma que nos torna satisfeitos e felizes. Turma de moços que estuda — mocidade sobre quem recaem as responsabilidades do futuro.

A Universidade Rural do Estado de Minas Gerais, baluarte da cultura rural de que faz parte a nossa Escola, é digna de nossa maior admiração, é digna de nosso decidido propósito de defendê-la arduamente que já possui o recém-fundado Diretório que tomou o nome de um vulto significativo que é, sem favor, «Bernardo Sayão». Iniciando, neste ano de 1960, o curso Nacional de Florestas, uma só coisa desejo ardentemente: que a amizade aqui nascida, entre nós, não durará somente cinco anos de estudos, mas perdure como a vida de um Jequetibá.

PARA VOCÊ AMIGO DE «O BONDE»

Por natureza, sentimos um mesmo problema de maneira diferente. Batemos nos pela sua solução segundo às nossas características de pensar e agir. Somos levados a analisá-lo e por tendências, procurar solução ou esquema, dentro dos limites de nossos interesses próprios. Por isso, não raro, nos perdemos num emaranhado de idéias que fogem completamente ao domínio da realidade. Num ímpeto, o pensamento aliado ao raciocínio, sugere uma solução simplista, fazendo-nos esquecer que os problemas não existem isoladamente e sim, são reflexos de muitos outros que se escondem no passado. Sejamos mais claros, e procuremos sentir os efeitos com consciência de algumas de suas causas. Façamos poucas perguntas e vejamos se de fato, nos colocamos satisfeitos em face de muitos pon-

tos vulneráveis do ensino da vida universitária, da alienação do homem acêrca das filosofias e de sua descida através dos números frios das estatísticas mundiais. Pensemos com equidade de espírito, se as faculdades nos proporcionam um mínimo de ciência de acôrdo com a realidade de nosso país. Tendo-se partido não de uma escolha arbitrária e sim, baseada em fatos, ser-nos-á mais fácil reivindicar e ao mesmo tempo compreender o que é de direito e sermos compreendidos. Costumamos nos perder num labirinto, onde o esforço para escrever em dialética que impressione, torna obscuro o tema suscitado. Aí está "O Bonde", o instrumento de nossas idéias e ideais. Por simbolizar uma classe, ninguém está excluído de seu apóio, de sua palavra de confiança. Os pro-

blemas que todos enfrentam não cabem a uns poucos baterem-se por eles. Não representam herança de alguns, mórmente dos que deram, com sacrifício, personalidade e vida a este semanário. Precisamos dêle, não sòmente para despertar em nós um sentido mais profundo daquilo que nos cerca. Se pequeno jamais devemos esquecer que, a síntese, se faz do conteúdo e nunca do tamanho.

Minúsculo e modesto, façamos de suas linhas um pedaço de nós próprios. Pelos caminhos o nosso mensageiro enfrentará tôda sorte de contra-tempos, porém, até que possamos nos sentir satisfeitos é questão de tempo e ajuda de todos. O otimismo nos leva a crêr que caindo das mãos de um descuidado ou na mesa dos que nos dirigem, a semente germina, basta saber plantá-la.

— CALIDOSCÓPIO —

Abro o Diário de Notícias e encontro, em caixa alta, nota sobre o C.B.E.A., ora em realização na cidade de Recife. Diz a folha informativa reproduzindo dados fornecido pelo DCEAB: nos seis congressos já realizados o número de trabalhos técnico-científicos apresentados se eleva à 149. Dêsse total, Piracicaba contribui com 49, a ENA com 27 e Viçosa com 26. Estamos, pois, em terceiro lugar, posição pouco honrosa se examinada com cuidado.

Vejamos: em Piracicaba o aluno pode, porque tem apóio financeiro e incentivo, realizar trabalhos de pesquisa que lhe rende, além dos conhecimentos científicos, a viagem ao local do congresso. Nesta ocasião, o autor do trabalho vai cuidar dos assuntos técnicos, vai conhecer as experiências alheias, vai projetar, enfim, o nome da instituição que representa,

nos setores agrônômicos, e junto à opinião pública.

Na ESA, ainda se reveste de características medievais, a luta pela realização de um trabalho dessa natureza. Boa vontade dos professores, neste ponto, não falta. Pelo contrário, eles ajudam realmente, os alunos que se propõem à realizar tal empresa. Entretanto, muitos projetos não podem ser executados porque há falta de dinheiro.

Agora, ao que parece, o Serviço de Experimentação e Pesquisa vai ajudar do assunto, dentro, é claro, dos seus limitados recursos.

Quem tiver seu projeto de trabalho aprovado pelo SEP, tendo um professor como responsável, terá recursos para executá-lo.

Esta é a orientação certa, ajustada aos ansêios dos modos da ESA. O SEP, na pessoa de seu chefe, está de

parabéns. O resto da história sim, é negra. Chegada à hora de ir ao congresso apresentar o trabalho, começa a luta das passagens. Pode acontecer (o que será uma fonte de desestímulo) que o citado fique sem passagem para viajar.

Este ano, o problema se agravou: Começada a choradeira em troca de passagens poucas aparecem e o resultado aí está: em terceiro lugar a ESA — a ESA que, segundo dizem, é a maior do Brasil, etc.

LEMBRETES:

(1) À serviço do esporte, falta abondância. À serviço da ciência ou da cultura: falta justificada. E não adianta pedir. Lá em cima, ninguém nos ouve.

(2) Boletins de nota: o anacronismo continua.

(3) Bebedouros nos prédios: quem vai resolver?

VII C.B.E.A. SEREMOS REPRESENTADOS ≡ CONTINUAÇÃO

Viçosa. Evandro apresentará: «Quebra mecânica do Babaçu», baseado em experiências efetuadas em uma máquina de aplicação eficiente, idealizada com sucesso, pelo espírito objetivo e criador do nosso colega. Mú-

cio apresentará um trabalho, fruto de espírito de síntese. Intitula-se «Simplificação e Racionalização nas anotações das ocorrências individuais numa exploração leiteirera, particular ou institucional». Este tra-

balho previamente apreciado por zootecnistas de alto gabarito, foi reconhecido racional em substância e de alta eficiência. Aos colegas, os nossos votos de pleno e merecido sucesso.

OPERAÇÃO EDUCAÇÃO: BAIXO RENDIMENTO

Faça da Escola, o prolongamento do seu BAR. Oh! perdão, o original insiste na palavra LAR. Não é preciso limpar, basta *conversar*. Vejam, só, mais um descuido, o original insiste na palavra *conservar*. Apenas uma pequena alteração, acompanhada pela inversão efetuada nas letras, deixam claro o quanto estamos preparados educacionalmente, sob o ponto de vista da vida em sociedade. Este sintoma, apenas um de uma série que presenciamos quotidianamente, demonstram de modo claro, a necessidade que se faz presente, sob a forma de um preparo lógico e racional, encarado no especto psicológico, a qual devem se sujeitar tanto *alguns* já adaptados, como aqueles que futuramente se incorporarem a nós. Não entendo que uma escola de nível elevado. Deva primar pela educação fundamental de seus alunos. Mas, insisto em que, a mesma, os faça sentir quanto à: sua posição no cenário estudantil, seus deveres e quais as suas verdadeiras responsabilidades, em face ao lugar ocupado pelo mesmo.

O problema é: não se compreende, pela razão simples da inexistência de uma base racional de motivação no princípio do ano letivo, a substância que aquele simples cartaz fixado nas paredes e portas encerram ou sugerem. Opservam-se, três reações distintas em relação ao mesmo. Uma delas, é característica daqueles que se pudessem, fariam tôda sorte de alterações, visando a satisfação íntima de uma desorganização educacional em face ao ambiente. A seguinte é de assentimento; acham lógico o cartaz, oportuna a reprimenda, e uma ne-

cessidade premente a sua fixação. Os outros, prevendo métodos de melhor rendimento, consideram-no simplesmente antipático. O fato é que eu passei a não poder olhar sequer para o mesmo, reação, aliás, bem comum entre os colegas. Reconheço a disposição de quem, provavelmente bem intencionado, se propôs alterar aquilo, que em nosso meio contitui hábito. Estamos, com raras exceções, lamentavelmente viciados. A tese do terceiro grupo sugere: necessitamos, de uma maneira premente, e em especial, aqueles que futuramente aqui se fixarem, de um preparo psicológico, orientado por pessoal capacitado, que sinta de uma maneira nítida este problema, tenho convicção, passível de solução. Não nos falta elemento humano capaz de empreender tão nobre tarefa.

Eu os vejo a todo momento se movimentarem em nosso meio ambiente. Que em lugar das aulas tradicionalmente inexistentes em alguns horários dos primeiros dias de nossas atividades, seja nos dada a oportunidade de presenciar palestras ilustradas, que possibilitem uma tomada de contacto tão necessária, que nos faça sentir, qual em substância, a indicada concepção de vida em comum, em relação ao ambiente no qual coexistimos e coexistiremos. É provável que nem todos, sintam quão intensamente está superada a fase colegial. Sem nos julgarmos absolutos, nossas reações em face a certos detalhes, devem ser caracterizadas, por um índice significativo de maturidade.

O problema se reúne em: despertar, já que muitos não vêm por si.

Mau-Mau.

Esportes

J. A. H. F.

No dia 28 p. p. foi disputada na quadra de esportes da ESA a partida final de Futebol de Salão reunindo às turmas do S2 e S4. O jôgo foi bastante movimentado desde os minutos iniciais. No primeiro tempo houve um relativo equilíbrio de ações. No segundo tempo o primeiro ano melhorou consideravelmente e no final da peleja obtinha a vitória pela contagem de 4x1. Foi sem dúvida, uma vitória justa do S2 que fazendo uso de tabelinhas, chegava facilmente à meta adversária. Enquanto isso, o segundo ano fazia um jôgo com excesso de individualismo o que facilitava o trabalho de destruição por parte do S2. Quadro: 1º ano: J. Augusto, Chico, Rêmullo (Eloi), Amaral e Roberto 2º ano: Márcio, Mauro, Geraldo, (J. Luiz), Balut e Rasgado. Tentos: 1º tempo: S2 1x0 (Amaral); final S2 4x1 (Amaral (2) Rasgado e Roberto). Juiz: Jandir foi o árbitro, com regular atuação.

No domingo próximo a ESA terá importante compromisso quando enfrentará em Ubá o quadro do Bandeirantes.

USINA PILOTO: MAQUINÁRIO CHEGOU

(Continuação)

tivam a ampliação do setor de laticínios, funcionando, aliás, em precárias condições, numa demonstração cabal daquilo que não se deve fazer. Desejamos ao Departamento, sejam tão logo atendidos seus ansêios, o primeiro passo que determinará a racionalização de métodos nitidamente necessária. Rejubilamos com o empenho do Prof. Marcondes, numa demonstração de que se preocupa com a constante atualização.

**COLEGA SILVAIR — TÚMULO
DÊ SUA COTA DE AUXÍLIO. COOPERE NA
HOMENAGEM DOS ALUNOS DA UREMG.**